

## SPFW AGRO

**\*Roberto Rodrigues**

Há poucas semanas terminou a 30ª edição da São Paulo Fashion Week – SPFW – com resultado espetacular.

O evento ocupou 3 andares da Bienal, envolvendo 3 mil profissionais e movimentando 1,5 bilhão de reais durante os 6 dias de sua duração, nos quais 350 modelos enfrentaram a passarela.

Não é para menos. O setor têxtil e de confecção impulsiona uma economia que reúne 30.000 empresas de todos os tamanhos, empregando quase 2 milhões de brasileiros, dos quais 75% são mulheres.

Só em 2010, foram gerados 65 mil postos de trabalho, com um faturamento próximo de 50 bilhões de dólares e uma produção de 10 bilhões de peças.

São duas feiras por ano, uma de inverno e outra de verão, de modo que, já se realiza o SPFW há 15 anos! Quando começou, dizia-se que o Brasil demoraria pelo menos uns 30 anos para se colocar bem no mercado da moda. Na metade do tempo o país já é reconhecido mundialmente. E este é o quarto ano em que o SPFW é sustentável, sendo o primeiro evento de moda neutro em carbono no mundo todo: os geradores são tocados a biodiesel, a iluminação é limpa e a emissão de CO2 reduzida.

A SPFW foi um festival de glamour. Mulheres maravilhosas desfilaram com graça, mostrando suas curvas belíssimas em roupas ousadas, umas mais e outras menos exibidoras do esplendor de um “dream team” de brasileiras como Gisele Bündchen ou estrangeiras como Paris Hilton.

Enfim, uma festa para os olhos. E também para o bolso de alguns atores principais neste teatro espetacular. Mas ela não seria realizada sem a agricultura. Entre as tendências para o inverno de 2011 está o acabamento com pele natural. E a do coelho foi a mais usada, embora muitos tenham investido na pelúcia sintética, ampliando o debate sobre o uso de pele animal na moda contemporânea. Ora, “sendo a carne de coelho um alimento, o uso de sua pele é sustentável”, argumentam os favoráveis ao uso. Debate instigante.

Mas ninguém tem nada contra o algodão: trata-se de uma fibra natural. E aqui entra a magia da pesquisa agrônômica que fez a EMBRAPA produzir o algodão colorido, cultivado por pequenos, médios e grandes produtores rurais. E a SPFW deve muito aos Maeda, tradicionais cotonicultores brasileiros, e aos nossos heróis do oeste da Bahia ou do Mato Grosso, produtores do fio de qualidade internacional que impulsiona nossa indústria da moda.

Um designer da feira desfiou o algodão para dar um efeito de lã a uma manta. Aliás, a lã também é agrícola, pois vem das ovelhas que não cresceriam sem pastos e rações produzidas com milho e soja... E é orgânica, como o “couro opaco”.

Outros agricultores estiveram por trás da SPFW: os de seda e linho, por exemplo, bem como os silvicultores, pecuaristas, heveicultores, floricultores, dando espaço a todo tipo de roupa.

Os sapatos foram feitos de couro e da madeira que entra na fabricação dos saltos.

Bolsas são de couro e tecido (lona). Borracha natural também entra em várias peças.

E os perfumes usados pelas meninas? Sem flor não existiriam!

Os desenhos das roupas, riscados em papel, só são feitos porque temos árvores plantadas.

Engraçado: moda também é agro!

Aliás, é com champagne ou vinho – tudo vem da uva rural – que se brindou o sucesso do evento. E alimentos saudáveis garantem o escultural corpo das modelos.

É isso, o agro empurrando o SPFW: o nosso setor têxtil é o quinto maior do mundo, e crescendo. Com as mesmas dores do agro em geral: câmbio, impostos, juros, logística. Tanto que em 2010 as empresas têxteis e de confecção brasileiras amargaram um déficit de 3,5 bilhões de dólares na sua balança comercial. Está muito mais fácil importar do que exportar. Câmbio ruim!

Moda e agro estão juntos nisso também: em 2010, 97% do faturamento dos têxteis, segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil, veio das vendas ao mercado interno. Em 2011 espera-se que as exportações cresçam 10% em relação ao ano passado. Vestuário com alto valor agregado pode contribuir para isso.

Tudo muito parecido com o agro...

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**